

APRESENTAÇÃO

PRESENTATION

Gabriela Silva*
Carlos Reis**

A obra de José Saramago configura-se como uma das mais interessantes no espectro da Literatura Universal. Em suas diferentes dimensões, alicerça-se numa visão crítica do comportamento humano. Na dimensão estética, Saramago utilizou recursos estilísticos e linguísticos, consolidando o que denominamos “estilo saramaguiano”, surgido com a escrita e publicação de *Levantado do chão* (1980). A essa modalidade estética associa-se a percepção social e crítica do autor, que propõe, em toda a sua obra, a leitura do comportamento humano, seja revisitando o passado — tanto de Portugal quanto universal —, seja refletindo sobre a dualidade entre o bem e o mal. O ser humano, para Saramago, é um indivíduo racional, dotado de poder de escolha, e que escolhe o mal por vontade própria. As personagens desenhadas em sua ficção representam uma tipologia social que pode ser reconhecida no cotidiano da humanidade: homens e mulheres que deambulam entre a sobrevivência, o narcisismo, a angústia existencial e os medos da fome, da guerra, da doença e da morte. Por outro lado, essas personagens também são capazes de amar e de edificar uma existência de compreensão de si mesmos e dos outros indivíduos que engendram o seu tecido social.

2

* Doutora em Teoria da Literatura pela PUCRS. Docente na graduação e pós-graduação em Letras na FURG, campus de São Lourenço do SUL.

** Professor catedrático emérito da Universidade de Coimbra.

Contexto (ISSN 2358-9566)

Vitória, v. 1, n. 47, 2025

<https://doi.org/10.47456/mdjdag73>

A dimensão histórica de Saramago compreende Portugal e o mundo. Se, por uma via, seus romances revisitam o passado português desde o século XVIII, percorrem, de modo igualmente crítico, o século XX, compondo um tecido reflexivo sobre o tempo que alimenta nossa vida social e política. A humanidade, Deus, a história e a sociedade são elementos indissociáveis da obra de Saramago. É a partir disso que a dimensão sociocultural do autor se torna tão importante, contemplando os estudos acerca de sua escrita e dos diferentes modos de entendimento de suas ideias. Somos, agora, o século XXI que lê José Saramago e que perscruta, em detalhes e recortes, as significações de sua produção.

Consagrado com o Prêmio Nobel em 1998, Saramago apresenta dois grandes “ciclos” em sua obra. O primeiro, denominado “histórico”, é autoexplicativo. Nas revisitações históricas dessa fase, encontramos o que se entende como o período formativo de sua escrita. O ciclo alegórico, no que lhe concerne, apresenta romances que tangenciam temas definidos como fonte de desencanto do autor: irracionalidade (proporcionada por uma sociedade voltada para o lucro e a massificação), competição, barbárie, apagamento de identidades e vontades. *Ensaio sobre a cegueira*, publicado em 1995, é o primeiro texto considerado nesse ciclo. A ideia de “ensaio”, que também se encontra no título deste dossiê, alimenta-se da noção de um texto que propõe a leitura de determinado elemento — um gênero inquieto, como define João Barrento. José Saramago escolhe essa designação para o livro por considerar a fábula dos cegos uma leitura do comportamento humano, e a si mesmo, um ensaísta que escrevia romances. Trata-se de uma leitura inquieta que, por meio de alegorias, metáforas e simbolismos variados, constrói diversos tipos, situações e aproximações retirados do mundo em que vivemos. *Todos os nomes* (1997), *A caverna* (2000), *O homem duplicado* (2002), *Ensaio sobre a lucidez* (2004) e *As intermitências da morte* (2005) são romances que configuram, em sua diegese, uma leitura por vezes filosófica da humanidade. Nessas construções, o autor conjuga referências oriundas de outras artes, fomentadas por um imaginário inesgotável que também nos constitui como sujeitos sociais, políticos, artísticos e críticos.

O dossiê “José Saramago: ensaio sobre a humanidade” compreende textos que procuram interpretar, à luz de diferentes teorias, pensamentos filosóficos e críticos, a obra de José Saramago. Os artigos aqui apresentados centram-se principalmente nos romances alegóricos, com especial atenção a *Ensaio sobre a cegueira*. Outros leem a ficção saramaguiana em profusas visões de seu conteúdo ou considerando seu arcabouço filosófico e crítico, presente no tecido nuclear dessas narrativas.

“Quando a luz ofusca a visão: *Ensaio sobre a cegueira* e *Blindness*”, apresenta a interpretação do romance de José Saramago e as aproximações e distanciamentos em relação à construção fílmica dirigida por Fernando Meirelles. Para tanto, utiliza conceitos e análises de Eduardo Lourenço, Maria Alzira Seixo, Alfredo Bosi, David Le Breton, entre outros. Já “O protagonismo da mulher do médico na lancinante história sobre a cegueira” propõe uma leitura da personagem central do romance, a mulher do médico, única figura entre os contaminados que não é atingida pela cegueira branca. O artigo detém-se na apreciação da personagem e nos elementos que constituem sua natureza, apoiando-se nas ideias de Antonio Candido, Linda Hutcheon, Fernando Mendonça e Carlos Reis. No mesmo percurso, mas por vias distintas, “Cegueira ou excesso de visão”, aponta para a compreensão do significado de empatia dentro da diegese, considerando as teorias e percepções de David Hume, Michel Foucault e Paul Ricœur. A empatia é um dos alicerces do romance saramaguiano, expandida nas ações das personagens, em especial na contraposição entre aqueles que compreendem e procuram ajudar uns aos outros e aqueles que se refugiam num modo de segurança.

O feminino também encontra espaço em “Apertados uns contra os outros: a condição desumana e a representação feminina em *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago”. O artigo toma como base as ideias de Theodor Adorno, Hannah Arendt, Stuart Hall e Georg Lukács, além de críticos e teóricos da literatura portuguesa, para formar um arcabouço interpretativo da representação feminina no romance. Com base em “O mito sacrificial no *Ensaio sobre a cegueira*”, vale-se dos conceitos de bode expiatório e sacrifício, de René

Girard, associando-os às ideias de Gilles Lipovetsky, Carl Jung e outros, para construir a análise da condição das personagens femininas como indivíduos predestinados ao sacrifício para salvar a humanidade. Mantendo-se numa linha de compreensão da escrita saramaguiana, em “José Saramago e a reparação do humano: por uma leitura dialética de *Ensaio sobre a cegueira*”, reflete-se sobre a ética, tomando como elemento primordial a epígrafe do romance, retirada de um livro imaginário: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.” A dialética entre solidariedade e barbárie encontra subsídios também em Paul Ricoeur, Georg Lukács, Hannah Arendt, Jean Pierre Chauvin, entre outros críticos da obra de José Saramago, como Eduardo Lourenço, Carlos Reis, Ana Paula Arnaut e Fernando Aguilera.

Em “A revolução não faltou ao ensaio: a cegueira branca e o risco do capitalismo atemporal”, destaca-se, sob a perspectiva do marxismo, a compreensão da cegueira como simbólica perda da racionalidade e da consciência coletiva. Uma interessante aproximação é proposta no ensaio *sui generis* intitulado “A cegueira moral: da alegoria saramaguiana em *Ensaio sobre a cegueira* aos abrigos no Rio Grande do Sul”. O texto toma como ponto de partida a crise climática ocorrida no estado brasileiro do Rio Grande do Sul em 2024, que consistiu em uma enchente de grandes proporções. A autora compara as situações extremas vividas pelas personagens femininas de *Ensaio sobre a cegueira* às mulheres vítimas de abuso sexual nos abrigos destinados aos sobreviventes da grande enchente. Ainda, propõe-se, em “O amor e a compaixão segundo Saramago”, uma leitura do sentimento amoroso e da compaixão nos romances *Ensaio sobre a cegueira*, *Ensaio sobre a lucidez*, *Todos os nomes*, *O homem duplicado* e *A caverna*. A análise centra-se na identificação e compreensão do amor em diversas personagens, entendendo o *páthos* como inerente à condição humana diante da morte e de outras situações extremas. A escrita do ensaio privilegia o próprio texto romanesco saramaguiano e outras interpretações críticas sobre o autor.

Detendo o olhar sobre outras obras de José Saramago, o ensaio “Historiografia e ficção em *O homem duplicado*: o eu, o outro e o mesmo” discute a presença

da História em *O homem duplicado*, romance pertencente à fase alegórica. Trata-se de uma leitura a partir dos conceitos de Paul Ricœur, Michel de Certeau, Walter Benjamin e Paul Veyne, além de críticos da obra saramaguiana, explorando também as tensões entre ficção e história nos textos que compõem o corpus do artigo.

O artigo “Entre partidas e regressos: uma leitura dos deslocamentos n’*A caverna*, de José Saramago”, centra-se na análise dos deslocamentos existentes no romance *A caverna* e como as personagens são atingidas por esses movimentos. Nas referências teóricas utilizadas pela pesquisadora estão Peter Burke, Gaston Bachelard, Michel Foucault, Julia Kristeva e Edward Said.

Em “José Saramago e a música: uma leitura de *Don Giovanni ou O dissoluto absolvido*”, apresenta-se uma leitura do mito de Don Juan na escrita saramaguiana. A construção do artigo revisita as ideias acerca do mito e sua permanência no imaginário ocidental, alinhando o *Don Giovanni* saramaguiano a seus predecessores, como o Don Juan de Tirso de Molina e a ópera de Mozart. Para tanto, evoca Maurice Blanchot, Ian Watt, Ludwig Wittgenstein e Jean Rousset, entre outras vozes teóricas e críticas.

Em “Contra a tolerância ou o tornar-se humano na igualdade do outro com o eu”, propõe-se uma interpretação do conceito de tolerância presente nas críticas escritas por José Saramago e publicadas nos *Cadernos de Lanzarote*. Para a construção dessa leitura, considera a dicotômica relação entre tolerância e intolerância, bem como as aproximações com os significados dos termos elaborados por Voltaire e Montaigne.

“A submissão às formas de controle como alegoria no conto *Embargo* (1978), de José Saramago”, versa sobre a produção contística do autor. O artigo aponta para uma interpretação da dominação econômica, social e política que se apresenta nas ações vividas pelo protagonista da diegese. O conceito de alegoria, já presente na obra de Saramago e distribuído nos contos de *Objecto Quase*, publicado pela primeira vez em 1973, encontra na leitura das autoras substância analítica a partir de Theodor Adorno, Zahira Souki e Adolfo Hansen.

Por fim, fecha o conjunto de artigos deste dossiê “As tentações da infância”, que aduz o significado de infância nas narrativas saramaguianas, como *As pequenas memórias* e *Cadernos de Lanzarote*. A ideia fulcral do texto tangencia os conceitos de leitura e imaginário, aproximando-se também da figura de Jorge Luís Borges, o leitor babélico. Através das concepções de Freud, Gaston Bachelard e Philippe Ariès, faz-se uma leitura da criança saramaguiana e de suas inter-relações com a própria imaginação. A tentação, alegórica, é o convite irrecusável para o conhecimento do mundo, e apresenta-se, na leitura proposta, já nas epígrafes dos romances de José Saramago. Livros imaginários, mas que revelam premissas de interpretação das narrativas e das figuras que as compõem.

O dossiê “José Saramago: ensaio sobre a humanidade” é composto por artigos que revelam diferentes e múltiplas leituras sobre as representações e alegorias do comportamento humano apresentadas pelo autor em seus romances e contos. Os textos que integram o presente número alimentam-se da filosofia, psicanálise, teorias do imaginário e muitas outras vertentes de conhecimento. Todas as possibilidades apresentadas aqui se coadunam no sentido de compreender a obra de José Saramago como um espaço amplo e infinito de representações da humanidade. Revisitam também vozes críticas reconhecidas da literatura portuguesa e universal.

A ficção de José Saramago é repleta de chaves de interpretação, de relações com a história e com o imaginário ocidental, transgredindo mitos, axiomas e certezas sustentadas pela humanidade ao longo de séculos. Diferentes potencialidades se alinham em suas fábulas, acentuando percepções, intertextualidades, rupturas e alinhamentos com a instituição literária, experimentações estéticas e reflexões sobre a existência. Confirmam, assim, sua natureza orgânica, que se expande na construção de personagens significativos para a história da literatura portuguesa e mundial. Saramago oferece aos seus leitores a provocação de compreender o mundo em que vivem para além das sombras — mas sem deixar de percebê-las.